

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

**CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES
(ORGANIZADOR)**

Atena
Editora
Ano 2020

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

**CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES
(ORGANIZADOR)**

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Luiza Batista

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
I61	<p>Interconexões [recurso eletrônico] : saberes e práticas da geografia / Christopher Smith Bignardi Neves. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-182-4 DOI 10.22533/at.ed.824201307</p> <p>1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Professores de geografia – Formação. I. Neves, Christopher Smith Bignardi.</p> <p style="text-align: right;">CDD 910</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Caros leitores, é com grande honra que organizo esta obra, que oportuniza a interconexão dos diversos elementos, ideias e conceitos pertinentes à geografia. Inicialmente prospectada pela divulgação da expressa sabedoria científica que os autores aqui apresentados acumularam ao longo de anos de pesquisa.

Este livro traça um caminho que leva a diversas descobertas, constituindo-se como um instrumento fundamental na sociedade contemporânea, onde os saberes científicos têm sido postos à prova; aqui, pesquisadores, mestres e doutores compartilham seus conhecimentos e práticas que certamente ampliam as perspectivas acerca da geografia.

Quando o intelectual espanhol José Sacristán, considerou a prática como a cristalização coletiva da experiência histórica das ações, fez para consolidar os padrões tradicionais e formas visíveis de desenvolver a atividade. Ora, nada mais claro que os caminhos traçados pela luz dos saberes.

Neste sentido, para superar os entraves que dificultam a compreensão da geografia como um lugar de práticas socioculturais necessárias à construção da cidadania, os dez capítulos a seguir caracterizam-se pelo vínculo indissolúvel entre saberes e práticas, e também, pelo elevado grau de consciência dos autores a quem agradeço por contribuir com a divulgação científica.

Um dos pilares da prática docente no ensino superior está em refletir sobre a sociedade, os espaços, os sujeitos, e contribuir para a transformação que correspondam aos anseios da humanidade. Nota-se nesta obra, que as universidades públicas brasileiras vêm contribuindo para a promoção do bem-estar pessoal e coletivo.

Desta forma, a primeira parte do livro composto por cinco estudos se relacionam com as dinâmicas educacionais, Éliton Novais e Janette Stoffel (Capítulo 01) apresentam-nos o perfil dos discentes da Universidade Federal da Fronteira Sul [UFFS], campus de Laranjeiras do Sul (PR), a instituição é reflexo das políticas públicas educacionais que visou a expansão do ensino superior no Brasil. O campus em questão ultrapassou a marca de mil alunos distribuídos entre os cursos de graduação, especialização e mestrado.

O estudo desenvolvido por Ricardo Gomes e Judite do Carmo (Capítulo 02) relaciona o curso de Geografia ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência [PIBID] da Universidade do Estado de Mato Grosso [UNEMAT]. O referido programa insere acadêmicos em escolas públicas para desenvolver as competências inerentes à prática docente, o *locus* deste estudo dá-se em Sinop (MT), onde os autores por meio da fenomenologia refletem o espaço e a identidade.

O ensino da geografia de modo lúdico, instigaram Jacks de Paulo, Stela Maris Araújo e Wellington Ferreira (Capítulo 03) a propor o uso de massinhas de modelar para representar o espaço geográfico. Tal dinâmica didática-pedagógica foi realizada com acadêmicos do curso de Pedagogia em Minas Gerais, que se reproduzida nas séries

iniciais do Ensino Fundamental favorece o processo de ensino-aprendizagem de forma mais prazerosa e eficaz.

Contribuindo com a reflexão do processo ensino-aprendizagem, Joel dos Reis e Rildo Costa (Capítulo 04), focam no conceito geográfico de lugar, além de apresentar teóricos que abordam a temática, relacionam o tema com a educação. Os autores evidenciam o papel do docente na tarefa de inculcar aos alunos meios de perceber o lugar ao qual estão inseridos.

Gerar inclusão digital atrelada à educação é a proposta de Fabiane Krolow, Manoela Bastos, Natalia de Oliveira, Paula Libos e Tatiene Baioneta (Capítulo 05) por meio de uma a MEDIATECA Flutuante em Cuiabá (MT). No projeto apresentado as autoras atrelam as evoluções do que se entendia inicialmente por bibliotecas, culminando no projeto de intervenção urbana inovadora.

Carlos de Sousa (Capítulo 06) sob as perspectivas dos estudos culturais analisa a imagem da América Latina por meio da animação francesa Mouk, que no Brasil podem ser acompanhados na TV Escola ou em plataformas de compartilhamento de vídeos. O autor selecionou seis episódios, onde Peru, Venezuela, Brasil, México, Argentina e Chile são contemplados; identificando na animação algumas particularidades e idiossincrasias acerca dos latino-americanos, e o reforço de alguns arquétipos, que podem ser superados por meio da edocomunicação.

A segunda parte do livro relaciona-se com análises diversas, dentre as quais se abordam o meio ambiente, o rural, o urbano e as imigrações. Daniela Cunha e Romerito da Silva (Capítulo 07) por meio da revisão bibliográfica analisam a forma como o meio ambiente é tratado pela geografia no campo teórico-metodológico; o que culmina na descrição da evolução do pensamento geográfico. Os autores expõem que a geografia humanista possibilita resgatar a pluralidade e unidade da geografia, uma vez que integra as relações da sociedade e da natureza.

Fabírcia Conceição e Ana Fonseca (Capítulo 08) refletem acerca do espaço rural brasileiro, o que epistemologicamente acarreta olhares sobre o processo de transformação do espaço e do território, que foram motivados pelo capitalismo e pela globalização. As autoras apontam para um novo espaço rural caracterizados pela pluriatividade e multifuncionalidade.

A pesquisa bibliográfica desenvolvida pelas integrantes do Projeto de Pesquisa “*Dinâmicas Territoriais na Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá*”, Franciellen Figueiredo, Aury Mesquita, Aiara Melo, Kayza Leite e Giseli Nora (Capítulo 09) aborda a soberania alimentar por meio de hortas urbanas coletivas. As autoras expõem as potencialidades do bem-estar social, econômico e ambiental; além de fornecer alimento saudável a uma parcela da sociedade.

Para encerrar este livro, Allan Silva (Capítulo 10) aborda as imigrações sob a ótica de um paradigma da mobilidade humana, o complexo ensaio teórico traz grandes reflexões

sobre o imigrante do Sul global frente ao imigrante do Norte.

Isto posto, espero que o compartilhamento destes saberes estabeleça um diálogo com as ações e práticas de cada pesquisador, possibilitando traçar um fio condutor entre estas dualidades. Que esta obra possa encorajar mais geógrafos a romper a dicotomia e se engajar em novos desdobramentos aqui originados. Que possamos nos tornar lideranças intelectuais.

Christopher Smith Bignardi Neves

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL E O DESENVOLVIMENTO REGIONAL: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO PERFIL DE ORIGEM DOS ACADÊMICOS	
Élton Paulo Novais Janete Stoffel	
DOI 10.22533/at.ed.8242013071	
CAPÍTULO 2	14
EXPERIÊNCIAS E LUGARES: O ADVENTO DA APTIDÃO DOCENTE E O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO COM O ESPAÇO VIVIDO NO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA	
RICARDO HENRIQUE GOMES JUDITE DE AZEVEDO DO CARMO	
DOI 10.22533/at.ed.8242013072	
CAPÍTULO 3	22
SABERES E PRÁTICAS: DIALOGANDO SOBRE REPRESENTAÇÕES NO ENSINO DE GEOGRAFIA	
Jacks Richard de Paulo Stela Maris Mendes Siqueira Araújo Wellington Rodrigo Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8242013073	
CAPÍTULO 4	33
O INDIVÍDUO E SEU LUGAR: UM OLHAR PARA O SUJEITO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO	
Joel Cândido dos Reis Rildo Aparecido Costa	
DOI 10.22533/at.ed.8242013074	
CAPÍTULO 5	41
PROPOSTA DE MEDIATECA FLUTUANTE SOBRE O RIO CUIABÁ	
Fabiane Krolow Manoela Rondon Ourives Bastos Natalia Dos Santos Rosa de Oliveira Paula Roberta Ramos Libos Tatiene De Castro Andrade Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8242013075	
CAPÍTULO 6	50
PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A AMÉRICA LATINA NA ANIMAÇÃO <i>MOUK</i>	
Carlos Erick Brito de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8242013076	
CAPÍTULO 7	63
EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO E O ESTUDO DO MEIO AMBIENTE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS	
Daniela Martins Cunha Romerito Valeriano da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8242013077	

CAPÍTULO 8	75
REFLEXÕES SOBRE O ESPAÇO RURAL BRASILEIRO	
Fabrícia Carlos da Conceição	
Ana Ivânia Alves Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.8242013078	
CAPÍTULO 9	86
A IMPORTÂNCIA DAS HORTAS COLETIVAS URBANAS COMO MECANISMOS PARA A SOBERANIA ALIMENTAR	
Franciellen de Almeida Figueiredo	
Aury Hellen dos Prazeres Mesquita	
Aiara Miranda Melo	
Kayza Keron Curvo Leite	
Giseli Dalla Nora	
DOI 10.22533/at.ed.8242013079	
CAPÍTULO 10	92
DA IMIGRAÇÃO AO REFÚGIO: TEMAS E PROBLEMAS DA MOBILIDADE VISTOS DO SUL	
Allan Rodrigo de Campos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.82420130710	
SOBRE O ORGANIZADOR	105
ÍNDICE REMISSIVO	106

EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO E O ESTUDO DO MEIO AMBIENTE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Data de aceite: 01/06/2020

Data de submissão: 01/04/2020

Daniela Martins Cunha

Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG)
Governador Valadares- Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/2137302689764585>

Romerito Valeriano da Silva

Centro Federal de Educação Tecnológica de
Minas Gerais (CEFET-MG)
Timóteo- Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/9351200279147756>

RESUMO: O objetivo principal deste artigo é analisar de forma teórico-descritiva o tratamento dado ao meio ambiente e às questões ambientais pela Geografia segundo diferentes abordagens assumidas por essa ciência em relação ao seu campo teórico-metodológico ao longo dos anos. Para isso, apresenta-se no artigo, a evolução do pensamento geográfico e sua possível inter-relação com os estudos ambientais, considerando a realização de uma geografia do ser humano primitivo aos tempos atuais. Demonstra-se também o tratamento dado às questões ambientais segundo os principais paradigmas atuais da Geografia – a Geografia Quantitativa, a Geografia Crítica ou Marxista

e a Geografia Humanista. A compreensão do dinamismo da ciência geográfica evidencia que tal ciência se constituiu enquanto saber, influenciada, sobretudo, de sua origem aos dias atuais, pela evolução do ser humano, seu processo de ocupação territorial e, em especial, por suas relações com o meio ambiente e suas aspirações sociais. Tal característica leva a uma reflexão sobre o conhecimento geográfico atual bem como sobre o arcabouço teórico-metodológico utilizado por geógrafos para tratar as questões ambientais atuais. O resumo deste artigo foi anteriormente publicado no Anais do XVII EGAL- Encontro de Geógrafos da América Latina ocorrido em 2018 na cidade de Quito, Equador.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia, meio ambiente, novos paradigmas.

EVOLUTION OF GEOGRAPHIC THOUGHT AND THE ENVIRONMENTAL STUDY: POSSIBLE DIALOGUES

ABSTRACT: The main objective of this article is to analyze in a theoretical-descriptive way the treatment given to the environment and environmental issues by Geography according to different approaches taken by this science in relation to its theoretical-methodological field

over the years. For this, the article presents the evolution of geographic thought and its possible interrelationship with environmental studies, considering the realization of a geography of the primitive human being to the present times. It also demonstrates the treatment given to environmental issues according to the main current paradigms of Geography - Quantitative Geography, Critical or Marxist Geography and Humanist Geography. The understanding of the dynamism of geographic science shows that this science was constituted as knowledge, influenced, above all, from its origin to the present day, by the evolution of the human being, its process of territorial occupation and, especially, by its relations with the environment and their social aspirations. This characteristic leads to a reflection on current geographic knowledge as well as on the theoretical-methodological framework used by geographers to address current environmental issues. The summary of this article was previously published in the Annals of the XVII EGAL - Meeting of Geographers of Latin America that took place in 2018 in the city of Quito, Ecuador.

KEYWORDS: Geography, environment, new paradigms.

1 | INTRODUÇÃO

A crise ambiental vivenciada nos momentos atuais resulta, dentre outros fatores, da ruptura sociedade/natureza e do processo de desenvolvimento do modelo econômico capitalista. Segundo Drew (1998), para os povos primitivos, a natureza era sinônimo de Deus e por isso deveria ser respeitada e temida. Já para o homem ocidental o meio ambiente é entendido sob a ótica religiosa cristã-judaica, na qual o homem foi criado a semelhança de Deus e a natureza estaria a seu dispor, a seu uso.

Acrescenta-se, ao exposto pelo autor, que as três maiores religiões monoteístas, judaísmo, cristianismo e islamismo, ofereceram uma espécie de licença ao homem para que ele explorasse a natureza numa escala e dimensão prática superior ao que já ocorria, uma vez que, a modificação e o uso da natureza pelo homem sempre ocorreram. A religião subsidiou ideologicamente a exploração da natureza na medida em que a apresentou como fruto da criação divina para o benefício do ser humano.

Destaca-se ainda que tal ruptura ganha dimensões ainda maiores com o fortalecimento do capitalismo e, mais especificamente com a propagação de dois projetos apresentados por McMichael (2000), o projeto de desenvolvimento e o projeto de globalização. No primeiro projeto o autor destaca que durante a guerra ideológica do pós-guerra entre norte-americanos e soviéticos, para conseguir áreas sob sua influência, o governo Truman anunciou que as áreas subdesenvolvidas, antigo terceiro mundo, atingiriam o desenvolvimento a partir de avanços científicos e do progresso industrial semelhante ao ocorrido nos países capitalistas, especificamente nos EUA. No segundo projeto, a ênfase do desenvolvimento passa de uma esfera nacional para uma esfera global, visto que, a partir da década de 80, o desenvolvimento passa a incluir uma política de ampla liberalização, na qual é necessário gerenciar mercados globais para sustentar o estilo de

vida ocidental. Os critérios de crescimento econômico passam a ser globais.

Observa-se que, no primeiro projeto, o então Presidente Truman vincula a ideia de desenvolvimento à ideia de crescimento econômico, ou seja, os países subdesenvolvidos se tornariam desenvolvidos a partir do rápido crescimento do PNB, do PIB, o que ocorreria, sobretudo, à custa da exploração agrícola e mineral nesses países, ou seja, da exploração da natureza. Tais consequências ao meio ambiente não são diferentes em relação ao segundo projeto, posto que, no projeto de globalização ocorreu e ainda ocorre uma privatização das funções públicas e uma difusão dos princípios do mercado. O mercado e suas leis se materializam enquanto controladores da produção e do estabelecimento de produtos tidos como universais, os quais são produzidos em escala global para o enriquecimento das grandes corporações por intermédio da exploração da natureza.

Pelo breve histórico do uso da natureza pelo ser humano é notável que a degradação ambiental resulta da sensação de não pertencimento do ser humano à natureza e do modelo econômico estabelecido ao longo de anos pela própria sociedade, no qual as políticas ambientais estão subordinadas. Destas considerações, observa-se que a crise ambiental deriva da apropriação e uso da natureza coletiva pelos interesses privados e, tal crise, resultante da relação conflituosa entre homem e natureza, constitui-se, na atualidade, desafio para o campo teórico-metodológico da Geografia. Dessa forma, o objetivo principal deste artigo é analisar de forma conceitual-descritiva o tratamento dado ao meio ambiente e as questões ambientais atuais pela Geografia segundo diferentes abordagens assumidas por essa ciência em relação ao seu campo teórico-metodológico.

E, como objetivos específicos, apresentar sucintamente a evolução do pensamento geográfico, da Geografia Primitiva aos tempos atuais e sua possível inter-relação com os estudos ambientais; demonstrar o tratamento dado às questões ambientais segundo os principais paradigmas atuais da Geografia: a Geografia Quantitativa, a Geografia Crítica ou Marxista e a Geografia Humanista. Para atingir tais objetivos foi utilizada como estratégia metodológica, a revisão bibliográfica.

2 | GEOGRAFIA E MEIO AMBIENTE: BREVES CONSIDERAÇÕES DA GEOGRAFIA PRIMITIVA À ESCOLA CLÁSSICA

O conceito de geografia é repleto de controvérsias devido a seus vários objetos de estudo e, por isso, lhe são atribuídas múltiplas definições, dentre elas, o estudo das relações humanas e meio ambiente. Este objeto busca explicar o relacionamento entre os dois domínios da realidade segundo três visões: 1 – influências da natureza sobre a ação da humanidade, pela qual o homem é posto como um elemento passivo, cuja história é determinada pelas condições naturais que o cerca; 2 – ação do homem na transformação do meio, como o homem se apropria dos recursos da natureza e os transforma e, 3 – a relação em si, os dados humanos e os naturais possuem o mesmo peso, busca

compreender o estabelecimento, a manutenção e a ruptura do equilíbrio entre homem e natureza (MORAES, 2003).

A partir dessa concepção de objeto pode-se dizer que a geografia enquanto uma ciência que tem como objeto de estudo o meio ambiente, surge com os seres humanos primitivos, de suas relações com o meio já realizadas na pré-história. A Geografia Primitiva é uma geografia instintiva, realizada como uma resposta às necessidades básicas, como a de sobrevivência e resultante do espírito de curiosidade e aventura dos povos primitivos. Suas necessidades e seu espírito fizeram com que os humanos se expandissem, conhecessem novas terras e mares, o que lhes permitiu conhecer e explorar o que existia nesses ambientes.

Após a pré-história as civilizações se localizavam nas proximidades de alguns grandes rios do Oriente Próximo, do Oriente Médio e do Extremo Oriente. Sociedades se sedentarizaram e passaram a ter necessidades geográficas diferentes das dos povos predecessores. Segundo Cavalcanti e Viadana (2010) e Duarte (2002), na Mesopotâmia foram confeccionados os mapas mais antigos e conhecidos pela humanidade, como o de Ga-Sur, encontrado no norte da Babilônia, o qual trata de uma placa de barro cozido representando montanhas, rios, dessa região.

Tais mapas materializam a necessidade do ser humano em conhecer o ambiente em seu entorno, pois a atividade humana desse período muito ainda dependia de condicionantes naturais como os rios, o relevo, os desertos, dentre outros. Dessa forma, a geografia continuava a se desenvolver numa perspectiva em que o meio condicionava a ocupação humana, tal como na perspectiva de que o conhecimento do meio representa uma ferramenta de ocupação e transformação do mesmo. Posteriormente, tem-se o período da geografia greco-romana, a qual se ampliará por meio da aquisição e sistematização de conhecimento e do controle do meio ambiente. A geografia grega se desenvolverá em dois eixos principais: o eixo dos relatos de viagem e o eixo dos pioneiros da geografia científica, representada por Eratóstenes, ou seja, a sistematização do conhecimento geográfico. Já os romanos desenvolveram uma Geografia Aplicada (predominantemente regional), pois tratam de planejamento, administração e guerra.

De acordo com Pédech (1976), as explorações que permitiram o desenvolvimento da geografia greco-romana, e aqui também entendida como conhecimento do ambiente terrestre, podem ser divididas em três grandes momentos: 1 – a descoberta da bacia mediterrânea através de um fenômeno social e econômico denominado colonização, do qual surgem os primeiros périplos; 2 – a expedição de Alexandre, que permite refazer e aperfeiçoar a Cartografia, e 3 – a conquista romana a partir do séc. II a.C. a qual permitiu a descrição geográfica mais detalhada de áreas conhecidas e descobertas.

O conhecimento do mundo passa a assumir um aspecto teórico, com relatos mais completos da natureza, origem e características do universo físico, a investigação passa a pertencer ao domínio de um saber mais geral, enfatizando as relações dos elementos

entre si e com a astronomia. Os contatos oficiais e comerciais dos romanos permitiram a realização de novas descrições, o que Estrabon denominou de Corografia, uma geografia mais detalhada que abre espaço para a história e a Geografia Humana (NICOLET, 1988a).

A importância dos romanos se deve ao fato de, mesmo não descobrindo terras desconhecidas, eles a penetraram, fazendo levantamentos, as tornando conhecidas. Os reconhecimentos militares ou aberturas diplomáticas dos romanos permitiram a existência de expedições geográficas, cartográficas e administrativas. Com a finalidade de conhecer para governar realizaram recenseamentos gerais ou parciais, elaboraram mapas ou livros cadastrais de várias regiões. O mais famoso trabalho dos romanos nessa área é o “mapa de Agripa” (NICOLET, 1988b).

Bonnard (1974) cita trabalhos de descrição realizados por Heródoto, ricos em relatos do ambiente natural em que os povos se instalavam, dentre eles, os egípcios. Segundo o autor, Heródoto se destina a desvendar o enigma das fontes e cheias do Nilo, da formação geológica do vale, se interessa pela fauna exótica e pela natureza da sociedade que o homem egípcio estabeleceu com os animais. Realiza uma etnografia, uma geografia humana do povo egípcio. Seu quadro do Egito é considerado verossímil pelos historiadores e geógrafos modernos.

O quadro de avanços no conhecimento geográfico estabelecido pela geografia greco-romana será substituído pelo período medieval, marcado inicialmente pela influência da igreja no mundo ocidental cristão, o que representou um período de “trevas” para a produção científica em geral, e nesse caso particular, certo retrocesso à geografia. A geografia apenas retomará seu desenvolvimento no mundo ocidental cristão no final da Idade Média. Nos mundos chinês e árabe ocorre uma situação um pouco inversa, um desenvolvimento da geografia mais acentuado no início da Idade Média, influenciados, respectivamente, pelas doutrinas filosóficas chinesas e pelas viagens de peregrinação e difusão do Islamismo.

Kimble (2013) destaca duas causas externas principais para a retração do conhecimento da Terra no período medieval. Primeiro, o declínio comercial de Roma, que ao deixar de comercializar com o Extremo Oriente, diminuiu também suas fronteiras territoriais, o que ocasionou uma perda de conhecimento. Em segundo lugar as invasões germânicas dos séculos V e VI que causaram a decomposição da vida política e comercial dentro do Império Romano. E ainda, uma causa interna, que é a junção do adormecimento do espírito científico que dá lugar ao viés utilitarista do pensamento latino com a convivência eclesiástica, uma vez que a procura científica e filosófica foi desencorajada pela Igreja. O autor ainda enfatiza que o período de trevas da geografia na Idade Medieval não foi pior porque nos mosteiros ainda se fazia “alguma geografia”. Sintetiza o ocorrido neste período afirmando que, ao invés de exploração geográfica, o que se teve foi um conhecimento enciclopédico.

Sobre a geografia árabe, Kimble (2013) afirma que a contribuição dos geógrafos

árabes à ciência geográfica ficou restrita ao setor matemático, a elaboração da teoria antiga dos ciclos cósmicos e na melhoria das técnicas de observação astronômica e da Cartografia. Sobre as últimas, destaca que a melhor determinação dos lugares era necessária, pois os mulçumanos, por uma questão religiosa, tinham sempre que se orientar em direção à Meca. Tal como prestigiavam a astrologia, e para preparar um horóscopo, eles tinham que saber onde estavam as estrelas no céu e, por isso, desenvolveram técnicas para determinar a latitude e a longitude. Desse fato resulta que muitas tabelas de coordenadas geográficas desenvolvidas por árabes são consideradas mais exatas que as desenvolvidas por Ptolomeu.

Por outro lado, se for desconsiderada a interrupção no desenvolvimento da geografia da primeira metade da Idade Média, pode-se dizer que houve sim uma evolução nesse período. Um ponto em comum dessas geografias, ocidental cristã, chinesa e árabe foram as viagens, seja para fins comerciais ou religiosos. Quando os europeus começam a viajar o horizonte geográfico se abriu, as geografias ocidental, islâmica e chinesa se encontraram nesse momento de retomada do crescimento após as cruzadas do séc. XIII e o mundo voltou a ser conhecido.

Além disso, assinala-se que a os princípios fundamentais da civilização chinesa influenciaram o método e a técnica; base de produção de uma Cartografia artística. Destaca-se também na geografia chinesa sua sensibilidade em relação à natureza. Fizeram e ainda hoje fazem uma geografia que mais se relaciona com o meio ambiente. A geografia chinesa se aproxima mais da arte que da ciência. Há uma preocupação com a sensibilidade, a harmonia e a escala, a exemplo das obras de arte chinesas que demonstram a imponência da natureza e a pequenez do homem.

Do período medieval até as escolas europeias- alemã e francesa, há outro momento de ruptura na geografia o qual ocorreu às épocas do Renascimento, Iluminismo e Enciclopédia. Todavia, há de se considerar que o terreno para o desenvolvimento das escolas europeias foi preparado a partir do renascimento, com suas perspectivas artística e religiosa, e posteriormente com o iluminismo e enciclopedismo envolvendo questões filosóficas, científicas e políticas que possibilitaram a unificação do conhecimento, ocorridos, principalmente, na França. Nesses períodos duas formas de fazer geografia se destacaram a de Varenius e a de Kant.

A geografia de Varenius se difere muito dos dogmas e explicações dadas pelas sociedades medievais. Sua obra está dividida em três livros e estuda a terra em seu conjunto e propriedades, como as características da Terra em relação ao Sistema Solar e a Cartografia, dentre outros. A importância da Geografia Geral de Varenius tem quatro sentidos principais: 1 – faz a distinção entre Geografia Geral e Especial, sendo a Especial dividida em corografia – descrição de alguma região, e a topografia – descrição dos detalhes de um lugar; 2 – realizou a sistematização dos conhecimentos que possui do planeta em meados do séc. XVII, elaborando uma geografia matemática baseada nas

teorias científicas da época, e dividiu os movimentos dos oceanos em correntes e marés; 3 – sua obra é a primeira que faz referência ao sistema copernicano como um sistema que melhor corresponde às observações astronômicas e, 4 – sua obra possui relação com a matemática. Em síntese, Varenius foi pioneiro ao utilizar as ideias das teorias da época, baseando-se, principalmente, na teoria cartesiana e utilizando o raciocínio matemático. Uma obra inovadora e que provém das informações geradas pelos descobrimentos (PENTEADO, 2010).

Já o conhecimento do mundo em Kant é constituído pelas experiências que se tem da natureza e do ser humano. A geografia deve fazer com que o aluno se torne mais atinado perante a escola, perante a vida. Sua obra “*Geografia Física*” possui origens controversas, uma vez que não foi escrita pelo próprio Kant, mas organizada pelo seu ex-aluno e posteriormente colega Theodor Rink. A obra reúne o *Diktattext* de Kant e anotações de alunos, e está dividida em quatro partes: 1 – introdução, com aspectos teóricos da disciplina; 2 – primeira parte dividida em quatro sessões sobre a água, a terra, a atmosfera e as grandes transformações da Terra; 3 – segunda parte que trata da Observação Especial, sobre o que o solo da Terra compreendi em si, e 4 – consideração sumária das mais distintas curiosidades da natureza de todas as áreas segundo a ordem geográfica, subdividida segundo os continentes (DÜRMAIER, 2014).

Após esse período, surgem as escolas clássicas de geografia também conhecidas como Geografia Tradicional, desenvolvidas, principalmente, por alemães e franceses. Na escola alemã de geografia dois nomes se destacaram como os grandes pioneiros – Humboldt e Ritter, tendo como seus principais continuadores – Richthofen, Ratzel e Hettner. Como precursores da geografia francesa destacam-se Malte-Brun e Eliséé Reclus, contudo, será Lablache o responsável intelectual pelo seu desenvolvimento na França.

Dentre esses autores, assinala-se que Humboldt desenvolveu uma pesquisa geográfica na qual podem ser localizadas três faces: a face do cientista com inspiração científica e filosófica; a face do artista com a pintura das paisagens e a face do poeta na qual demonstra contemplação, sensibilidade e prazer no contato com a natureza (AMORIM FILHO, 1998). Segundo Claval (*apud* AMORIM FILHO, 1998) Humboldt possuía a ideia de meio ambiente adquirida com a experiência de campo.

Tais faces de Humboldt contribuíram para que ele desenvolvesse uma geografia pautada na observação do meio ambiente e na busca da compreensão das conexões possíveis e existentes. Considerando ainda o olhar sobre as questões ambientais, nesse período assinala-se também que as maiores contribuições de Ritter no campo teórico-metodológico da geografia foram suas explicações sobre as relações entre o ser humano e a natureza nas diferentes regiões do mundo ao longo da história da humanidade, não separava a Geografia Humana da Geografia Física. E, de Lablache, o estímulo para a realização de trabalhos de campo como método de conhecimento do que ele denominava

“Pays”.

Assim, nesta breve contextualização da evolução do pensamento geográfico buscou-se apresentar o que havia ou não de meio ambiente e questões ambientais durante a evolução do que se entendia como geografia. Como um dos marcos desse período destaca-se que “(...) Humboldt mostra, entre outras coisas que, em sua fase clássica, a geografia apresentava uma personalidade já bastante complexa, marcada pela coexistência de uma visão holística e racional e de uma visão mais romântica, artística e individualista” (AMORIM FILHO, 1998, p. 136).

No próximo item do artigo será demonstrada a relação dos novos paradigmas da geografia, em parte influenciados pela Geografia Clássica, com as questões ambientais atuais, as quais assumiram dimensões muito maiores ao final do século XX.

3 | AS GEOGRAFIAS ATUAIS E A QUESTÃO AMBIENTAL

As escolas alemã e francesa de geografia representam um período de unificação do conhecimento geográfico, o que, por vezes, já não é mais encontrado na geografia atual, dividida entre várias geografias, como se apenas houvesse um paradigma correto. Segundo Amorim Filho (2007), a ideia de evolução de uma disciplina científica através de uma sucessão paradigmática difundida por Kuhn foi adotada pela geografia. Passou-se a acreditar que a evolução da ciência ocorreria a partir da substituição de seus paradigmas.

(...) os efeitos do advento da pós-modernidade na Geografia, nas últimas décadas, tem provocado em boa parte dos geógrafos, sentimentos de perplexidade e de confusão, diante de outro tipo de problema: as incertezas trazidas pela falta de unidade e pela extrema fragmentação epistemológica da Geografia (AMORIM FILHO, 2007, p. 15).

A Geografia Quantitativa, paradigma geográfico dominante na década de 1960, utiliza como abordagem principal a teorização e a modelização, beneficiando-se do desenvolvimento da informática como um instrumento para a quantificação e, fundamenta-se na corrente filosófica positivista de Auguste Comte (AMORIM FILHO, 1987). Para Moraes (2003) a Geografia Quantitativa representa a explicação de temas geográficos pelo uso de métodos matemáticos, por meio do avanço da estatística e da computação. Cita como exemplo de estudos dessa geografia, o estudo de uma região, a qual perpassaria pelas seguintes etapas: 1 – a análise começa pela contagem dos elementos presentes, como o total de população; 2 – se elabora tabelas numéricas a serem trabalhadas pelo computador (médias, variâncias, etc); 3 – fazem-se relações (correlações simples e múltiplas, dentre outras), e por fim 4 – obtêm-se os dados numéricos cuja interpretação é a explicação da região estudada.

Dentre as críticas realizadas à Geografia Quantitativa, Amorim Filho (1987), as agrupou em três principais: 1 – acusam a geografia de se torna um neo-positivismo cientificista e “reducionista”, a serviço da ideologia dominante, o capitalismo; de utilizar

esquemas sistêmicos e modelos matemáticos sem embasamento teórico o que a torna uma ciência neutra; 2 – uso excessivo e por vezes inadequado de técnicas quantitativas; e 3 – críticas ao modelo de ser humano adotado por essa geografia, o homem econômico, cujo objetivo principal é o lucro.

Considerando as críticas empregadas à Geografia Quantitativa muitos diriam que o meio ambiente e, por consequência a temática ambiental, teria ficado às margens dos estudos geográficos nesse período. Uma vez que, para os críticos, o tratamento do meio ambiente passaria por análises quantificáveis apenas, o que poderia ser expresso por dados matemáticos estatísticos e nada mais. Além disso, para muitos, os modelos elaborados nesse período fogem do que se pode denominar de experiência vivida pelo homem, fazendo com que tenham uma aplicação limitada.

A Geografia Marxista também conhecida como Crítica ou ainda Radical é uma reação a uma suposta neutralidade científica da Geografia Quantitativa que surgiu nos EUA e Europa de forma simultânea. Demonstra que o conhecimento, as informações e os mapas são utilizados pelo poder político-econômico, deixa clara a relação existente entre ideologia e geografia, e propõe como paradigma um neomarxismo aplicado à realidade socioespacial (AMORIM FILHO apud AMORIM FILHO, 1987).

Um dos principais representantes da Geografia Crítica no Brasil é o geógrafo Milton Santos, o qual também transitou por diversos outros paradigmas da Geografia durante a construção de suas valiosas obras e teorias. Todavia, considerando aqui, apenas as influências teóricas da Geografia Crítica, em seus mais diversos livros, fica evidente seu posicionamento marxista em relação à economia/globalização, meio ambiente, ou seja, em relação à produção do espaço pelo ser humano. Sobre as questões ambientais, em Santos (2000), encontra-se o uso do termo “ecohisteria”, o qual é utilizado para fazer referência ao movimento ecologista atual que tem suas propagandas e projetos financiados por aqueles que lucram com a globalização. Compara o trato das questões ambientais no Brasil com a forma como são tratadas na Europa, onde “certos partidos verdes europeus não são verdes como os nossos, porque eles estão tratando da sociedade, o ambiente é a sociedade. É diferente desse verdismo naturalista brasileiro” (SANTOS, 2000, p. 20).

O valor da natureza está relacionado com a escala de valores estabelecida pela sociedade para aqueles bens que antes eram chamados de naturais. Hoje quando a economia e a mais-valia se globalizam, a natureza globalizada pelo conhecimento e pelo uso é tão social como o trabalho, o capital, a política... (SANTOS, 2000, p. 18).

Ainda sobre os aspectos metodológicos utilizados pela Geografia Marxista nos estudos das temáticas ambientais, é importante destacar que:

Na proposta marxista, o ambiente deve ser entendido segundo a lógica do sistema de produção social e, desta forma, abordado dentro de uma análise mais globalizante. As limitações desse método são facilmente compreensíveis pois, numa realidade positivista como a da atualidade, o conhecimento é fragmentado e as tentativas de abordagem mais globais são suplantadas pelas de caráter mais específico (MENDONÇA, 2001, p. 58).

Até os anos sessenta e início dos setenta, o conhecimento geográfico tinha duas principais orientações epistemológicas: os neo-positivistas (qualificação, racionalização e sistematização) e os neomarxistas (materialismo e economismo). Do excesso de teorização e abstração dessas correntes e da falta de contato com a realidade concreta e das representações dessas pelas pessoas, ou seja, pela falta de um conhecimento fundamentado nas percepções, representações, atividades e valores do ser humano em geral, surge um movimento na década de 70 que inclui os estudos de percepção ambiental, e recebe o nome de Geografia Humanista (AMORIM FILHO, 1992).

Para Amorim Filho (1992) existiam algumas contribuições que representavam marcos para a evolução dos estudos ambientais, dentre os quais se cita, como o mais abrangente, as contribuições do geógrafo Yi-Fu Tuan. Ainda para o autor, os estudos em percepção ambiental iriam se consolidar durante a década de setenta quando a União Geográfica Internacional criou o “Grupo de Trabalho sobre a Percepção Ambiental” e a UNESCO incluiu em seu “Programa Homem e Biosfera”, o Projeto 13: “Percepção de Qualidade Ambiental”.

Nas abordagens dos geógrafos humanistas e em seus conceitos e usos da percepção, observa-se a presença de determinadas palavras-chave como vivido, experiência, estímulos e consciência, que enfatizam e reafirmam a relação e a forma como o ser humano percebe o meio ambiente, ou seja, seu espaço, território, paisagem, lugar ou região. Amorim Filho (1992) apresenta os dez conceitos e temas que aparecem com mais frequência e regularidade nos trabalhos de percepção ambiental. Os conceitos são: atitude, cognição, imagem, paisagem, percepção, representação, valor, topocídio, topofilia e topofobia. E os temas: qualidade ambiental; paisagem valorizada; riscos ambientais; representações do mundo; imagens de lugares distantes; história das paisagens; relações entre as artes, as paisagens e os lugares; espaços pessoais; construção de mapas mentais e, percepção ambiental e planejamento.

Nota-se, dentre as correntes geográficas que dominaram após a segunda metade do século XX – Quantitativa, Crítica e Humanista, que será na Humanista que o emprego da palavra ambiente aparecerá com mais frequência. Além disso, será utilizado numa tentativa de resgate da interpretação e do uso do meio ambiente por uma ótica mais integradora, no qual temas ambientais serão tratados pela ótica do vivido e experimentado e na busca de uma consciência ambiental.

Nesta nova abordagem o meio ambiente deixa de receber aquela “tradicional” visão descritiva/contemplativa por parte da geografia como se fosse um santuário que existe paralelamente à sociedade. O meio ambiente é visto então como um recurso a ser utilizado e como tal deve ser analisado e protegido, de acordo com suas diferentes condições, numa atitude de respeito, conservação e preservação (MENDONÇA, 2001, p. 66).

Na atualidade muitos geógrafos têm resgatado em seus estudos, sobretudo nos estudos ambientais, a abordagem sistêmica. A ideia de sistemas é uma das mais antigas

nas pesquisas e produções geográficas e no decorrer de sua história evolutiva várias reflexões foram realizadas a respeito. Conforme conceitos e formas de abordagem da ideia de sistema, antes mesmo da emergência da temática ambiental, a geografia já a utilizava em seu arcabouço teórico-metodológico, a qual é encontrada em estudos das Geografias Humana e Urbana, Geomorfologia, Climatologia dentre outras. E nos estudos dos temas ambientais tal abordagem tende a oferecer recursos que possibilitem a análise do conjunto, tratando tanto suas estruturas quanto processos em um ambiente em que o ser humano e a natureza se inter-relacionam a todo momento.

4 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A compreensão do dinamismo da ciência geográfica evidencia que tal ciência se constituiu enquanto saber, influenciada de sua origem aos dias atuais, pela evolução do homem, seu processo de ocupação territorial, e em especial por suas relações com o meio ambiente e suas aspirações sociais. Tais características levam a uma reflexão sobre o conhecimento geográfico atual, seu processo de fragmentação e a necessidade do geógrafo não esquecer suas origens, enfim trabalhar sempre na busca e no estabelecimento da importância do verdadeiro espírito e valores geográficos, a qual integra as partes na tentativa de entender o todo.

Considera-se ainda que as grandes obras gregas, os relatos de viagem realizados durante a Idade Média, dentre outras produções oriundas da história evolutiva da geografia contribuíram sobremaneira para a compreensão do ambiente natural e antrópico de seu momento de produção. Expressaram a necessidade do uso cultural, social e econômico da natureza pelo homem, o que faz da geografia, desde seus primórdios, uma ciência que aborda a temática ambiental. E diante do quadro atual de sucessões paradigmáticas observa-se que a Geografia Humanista tem surgido com propostas metodológicas que visam resgatar a pluralidade e unidade da geografia, considerando de forma integradora as relações sociedade e natureza. Enfim, por essa breve revisão observa-se que o tratamento do meio ambiente pela geografia e seu quadro de sucessões paradigmáticas caminham juntos.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B. **O contexto teórico do desenvolvimento dos estudos humanísticos e perceptivos na Geografia.** In: AMORIM FILHO, O. B.; CARTER, H.; KOHLSDORF, M. E. *Percepção Ambiental: contexto teórico e aplicações ao tema urbano.* Belo Horizonte. Instituto de Geociências da UFMG. 1987. 42 P., 9-20. Publicação Especial n. 5.

AMORIM FILHO, O.B. **Os Estudos da Percepção como a Última Fronteira da Gestão Ambiental.** Anais do II Simpósio Situação Ambiental e Qualidade de Vida na Região Metropolitana de Belo Horizonte e Minas Gerais. Belo Horizonte, ABGE, 16-20, 1992.

AMORIM FILHO, O.B. A formação do conceito de paisagem geográfica: os fundamentos clássicos. In: OLIVEIRA, L. de; MACHADO, L. M. (org.). **Cadernos Paisagem/Paisagens** (3º Encontro Interdisciplinar sobre o estudo da paisagem). Rio Claro: UNESP, 1998, 154p. (p. 123-138).

AMORIM FILHO, O.B. A pluralidade da Geografia e a necessidade das abordagens culturais. In: KOZEL, S. et al. (org.). Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: **Terceira Imagem**, 2007, p. 15-35.

BONNARD, A. **Heródoto explora o velho continente**. In: A civilização grega. Lisboa, Edições 70, 1974.

CAVALCANTI, A. P. B.; VIADANA, A. G. Fundamentos históricos da geografia: contribuição do pensamento filosófico na Grécia antiga. In: GODOY, P. R. T. de (org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

DREW, D. **Processos interativos homem-meio ambiente**. Tradução de João Alves dos Santos; revisão de Suely Bastos; coordenação editorial de Antonio Christofolletti. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

DUARTE, P. A. **Fundamentos de Cartografia**. 2. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.

DÜRMAIER, A. T. de M. C.: Kant e a Geografia. **Revista de Filosofia**, Fortaleza, v. 11, nº 22, p. 75-104, verão de 2014.

McMICHAEL, P. "Colonialism". **Development and Social Change**. 2.ed. Thousand Oaks, Califórnia: Pine Forge Press, 2000 (Resumo de trechos e Tradução de F. D. Rothman).

MENDONÇA, F. de A. **Geografia e meio ambiente**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MORAES, A. C. R. **Geografia. Pequena História Crítica**. São Paulo: Annablume, 2003.

NICOLET, C. **Da Geografia Grega à Geografia Romana**. In: L'Enventaire du Monde – Geographie et Politique aux origens de L' Empire Romain. Paris, Hachette, 1988a, 343 p. (p.88/112). Tradução de Oswaldo Bueno de Amorim Filho.

NICOLET, C. **Explorações (viagens), cartografia e recenseamentos no Império Romano**. In: L' Enventaire du Monde – Geographie et Politique aux origens de L' Empire Romain. Paris, Hachette, 1988b, 343 p. (p.125). Tradução de Oswaldo Bueno de Amorim Filho.

PÉDECH, P. **Uma Introdução à Geografia dos Gregos**. In: La Géographie des Grecs. Paris, P.U.F., 1976, 202 p. Tradução de Oswaldo Bueno de Amorim Filho.

PENTEADO, A.M. **A importância da obra de Bernhard Varenius**. Anais do X Encontro Nacional de Educação Matemática. Salvador- BA, 2010, p. 1-11.

SANTOS, M. **Território e Sociedade**. Entrevista com Milton Santos. 2.ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2000.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura 2, 3, 6, 76, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 88, 89, 91

Alimentar 83, 86, 87, 88, 89, 91

Alimentos 7, 8, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 98

Ambientais 52, 63, 65, 69, 70, 71, 72, 73, 78, 79, 86

Ambiental 29, 57, 64, 65, 70, 71, 72, 73, 83, 89, 90, 91

Ambiente 3, 14, 16, 18, 19, 20, 28, 30, 41, 43, 49, 57, 60, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 83, 88, 90, 91, 105

Análise 1, 3, 8, 16, 17, 20, 30, 39, 41, 54, 59, 71, 73, 102

Aprendizagem 22, 23, 24, 25, 26, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 44

Área 4, 18, 19, 23, 27, 28, 30, 31, 43, 44, 67, 105

Atividade 34, 37, 53, 59, 66, 76, 78, 79, 89

B

Brasil 3, 4, 5, 6, 11, 12, 15, 20, 31, 34, 39, 42, 49, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 71, 74, 78, 83, 84, 85, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 102, 104

C

Campo 7, 8, 11, 13, 19, 50, 53, 55, 57, 59, 63, 65, 69, 75, 76, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 88, 89, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 103, 104

Categoria 16, 19, 20, 95, 104

Cidade 14, 16, 27, 28, 29, 30, 36, 39, 43, 44, 45, 46, 48, 57, 61, 63, 76, 78, 86, 88, 90, 91, 97, 100, 101

Coletiva 60, 65, 90

Conhecimento 12, 23, 24, 27, 30, 31, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 48, 53, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 77, 87, 89

Cultura 3, 12, 36, 38, 44, 53, 55, 56, 57, 61, 62, 74, 85, 88, 105

D

Desenvolvimento 10, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 15, 18, 24, 25, 27, 31, 32, 34, 36, 41, 43, 52, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 76, 78, 79, 80, 84, 85, 87, 90, 91

E

Educação 5, 6, 7, 8, 13, 15, 18, 20, 21, 23, 25, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 48, 49, 50, 53, 62, 63, 74, 84, 90, 98

Educadores 22, 23, 25, 26, 29, 30, 31, 38, 40

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 12, 13, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 39, 41, 44, 45, 50, 53, 61, 85, 94, 105

Escolar 14, 16, 18, 19, 20, 23, 32, 33, 34, 38, 39, 55, 105

Espaço 4, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 42, 44, 48, 57, 59, 61, 67, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 90, 91, 96, 105

Estudos 12, 17, 24, 32, 43, 44, 50, 53, 55, 63, 65, 70, 71, 72, 73, 78, 94, 104

G

Geografia 2, 1, 4, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 35, 39, 51, 53, 55, 57, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 84, 85, 91, 92, 105

Geográfica 9, 16, 19, 20, 26, 35, 63, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 77, 85, 94

H

Histórica 18, 44, 51, 101, 102

Hortas 86, 87, 88, 89, 90, 91

Humanitária 98, 99, 103

Humano 3, 26, 28, 34, 35, 63, 64, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 93, 103

I

Identidade 14, 18, 20, 29, 38, 58, 59, 61, 62, 83

Imigrante 93, 94, 95, 96, 97, 102

L

Local 3, 7, 10, 13, 14, 16, 18, 19, 30, 36, 39, 43, 44, 45, 46, 47, 60, 77, 79, 85, 87, 90

Localização 5, 6, 7, 17, 26, 27, 44

Lugar 14, 16, 18, 19, 20, 21, 27, 29, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 44, 45, 57, 58, 61, 67, 68, 72, 79, 83, 90, 93, 94, 96, 97, 101

M

Midioteca 41, 42, 43, 44, 45, 48

Mobilidade 37, 92, 95, 101, 103

Mobilização 95, 96, 97, 98, 100, 101

N

Natureza 17, 18, 27, 28, 30, 41, 42, 52, 55, 56, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 77, 83, 85, 94, 101

P

Paisagem 20, 45, 46, 48, 55, 58, 61, 72, 74, 79

Pedagogia 7, 8, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 32, 39, 58, 105

Professor 18, 19, 23, 25, 32, 33, 34, 37, 38, 39, 105

R

Realidade 3, 7, 12, 24, 25, 26, 27, 28, 34, 35, 36, 38, 39, 53, 55, 61, 65, 71, 72, 77, 83

Refugiado 92, 95, 98, 102

Regional 10, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 12, 13, 48, 66, 77

Representação 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 38, 55, 59, 62, 72, 74

Rural 5, 8, 12, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 83, 84, 85

S

Soberania 86, 87, 88, 91, 92, 103

Sociais 4, 6, 7, 8, 13, 21, 27, 28, 34, 35, 36, 37, 41, 42, 44, 60, 63, 73, 76, 78, 85, 86, 87, 90, 101

Social 1, 2, 3, 5, 12, 15, 18, 20, 25, 28, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 51, 52, 58, 64, 66, 71, 73, 74, 76, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105

Sociedade 3, 4, 19, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 55, 56, 61, 64, 65, 67, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 87, 89, 90, 91, 95, 104, 105

Sujeito 14, 17, 18, 19, 20, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 92, 95

T

Trabalhador 96, 97, 102

Trabalho 1, 3, 11, 14, 16, 18, 21, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 34, 35, 41, 43, 48, 50, 51, 54, 60, 67, 71, 72, 75, 77, 83, 85, 86, 87, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104

Transformação 3, 30, 37, 39, 41, 65, 66, 77, 84, 92, 101, 103, 104

U

Urbana 45, 73, 80, 89, 90, 91

Urbano 12, 28, 31, 57, 59, 73, 76, 79, 87, 88, 90, 97

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 